

Lição 1 — Introdutória. A Importância e Dificuldade do Estudo da Alma

TEXTO 402a1-403b2 - LIVRO I, CAPÍTULO I

INTRODUTÓRIA. A IMPORTÂNCIA E DIFICULDADE DO ESTUDO DA ALMA

Considerando, como consideramos, que o conhecimento é algo bom e honroso, e que alguns tipos de conhecimento o são mais do que outros, seja por serem mais certos, seja por tratarem de assuntos mais excelentes e maravilhosos, naturalmente damos um lugar primordial, por ambas as razões, a uma investigação sobre a alma. §§ 1-6

De fato, um conhecimento da alma pareceria ajudar muito na aquisição de toda a verdade, especialmente sobre o mundo natural; pois ela é, por assim dizer, o princípio dos seres vivos. § 7

Buscamos então considerar e compreender, primeiro, sua natureza e essência, e depois quaisquer qualidades que lhe pertençam. Destas, algumas parecem ser próprias apenas da alma, outras parecem ser compartilhadas em comum e existir nos seres animados por causa dela. § 8

Determinar, no entanto, algo confiável sobre ela é uma das tarefas mais difíceis. Tal investigação sendo comum a muitos tópicos — quero dizer, uma investigação sobre a essência e sobre o que cada coisa é — poderia parecer a alguns que um procedimento definido estivesse disponível para todas as coisas das quais desejássemos conhecer a essência; assim como há demonstração para as propriedades acidentais das coisas. Portanto, teríamos que descobrir qual é esse único método. Mas se não há um único método para determinar o que uma essência é, nossa investigação se torna decididamente mais difícil, e teremos que encontrar um procedimento para cada caso em particular. Se, por outro lado, está claro que se deve empregar a demonstração, ou a divisão, ou algum processo semelhante, ainda há muitas questões e incertezas para as quais respostas devem ser encontradas. Pois os princípios em diferentes matérias são diferentes, por exemplo, no caso dos números e das superfícies. Talvez a primeira coisa necessária seja dividir o gênero do assunto e dizer que tipo de coisa ele é — quero dizer, se é uma coisa particular ou substância, ou uma qualidade, ou quantidade, ou qualquer outra das diferentes categorias. Além disso, se está entre as coisas em potência ou se é uma atualidade — distinção não insignificante. Novamente, se é divisível ou indivisível, e se toda alma é do mesmo tipo ou não: e se não, se diferem especificamente ou genericamente. De fato, aqueles que atualmente falam e discutem a alma parecem tratar apenas da alma humana. Deve-se ter cuidado para não deixar inexplorada a

questão de se há uma definição única dela, como de 'animal' em geral, ou uma diferente para cada [uma de suas espécies]: como, por exemplo, para cavalo, cão, homem ou deus. Ora, 'animal' como universal não é nada real, ou é secundário; e devemos dizer o mesmo de qualquer outro predicado geral. §§ 9-13

Além disso, se não há muitas almas, mas apenas muitas partes de uma única alma, devemos perguntar se se deve olhar primeiro para o todo ou para as partes. É difícil ver quais partes são por natureza diversas entre si, e se se deve olhar primeiro para as partes ou suas funções, por exemplo, para o ato de entender ou para o poder intelectual, para o ato de sentir ou para a faculdade sensitiva; e da mesma forma em outros casos. Mas se se deve examinar primeiro as operações, pode-se perguntar se não se deveria primeiro investigar seus objetos, como, na função sensitiva, a coisa sentida; e na intelectual, a coisa inteligível. § 14

Ora, parece que não apenas o conhecimento da essência ajuda a compreender as causas dos acidentes de qualquer substância (como na Matemática, saber o que é o reto e o curvo, e o que é uma linha e o que é um plano permite descobrir o número de ângulos retos aos quais os de um triângulo são iguais) mas, inversamente, as qualidades accidentais contribuem muito para saber o que uma coisa é essencialmente. Quando podemos dar um relato de tais qualidades (algumas ou todas) de acordo com as aparências, então teremos material para lidar da melhor forma possível com a essência. O princípio de toda demonstração é o que uma coisa é. Portanto, quaisquer definições que não nos forneçam um conhecimento dos acidentes, ou mesmo uma conjectura razoável sobre eles, são obviamente vãs e sofisticadas. § 15

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

Lição UM

§ 1. Ao estudar qualquer classe de coisas, é primeiro de tudo necessário, como diz o Filósofo no *De Animalibus* [I, 5], considerar separadamente o que é comum à classe como um todo, e depois o que é próprio aos membros particulares da classe. Tal é o método de Aristóteles na Filosofia Primeira; pois no início da *Metafísica* ele investiga as propriedades comuns do ser enquanto tal, e só então passa aos tipos particulares de ser. A razão para este procedimento é que ele evita repetições frequentes.

Ora, os seres vivos tomados em conjunto formam uma certa classe de ser; portanto, ao estudá-los, a primeira coisa a fazer é considerar o que os seres vivos têm em comum, e depois o que cada um tem de peculiar a si mesmo. O que eles têm em comum é um princípio de vida ou alma; nisto são todos semelhantes. Ao transmitir conhecimento, portanto, sobre os seres vivos, deve-se primeiro transmiti-lo sobre a alma como aquilo que é comum a todos eles. Assim, quando Aristóteles se propõe a tratar dos seres vivos, ele começa com a alma; depois do que, nos livros subsequentes, ele define as propriedades dos seres vivos particulares.

§ 2. No presente tratado sobre a alma encontramos, primeiro, uma Introdução: na qual o autor faz as três coisas que devem ser feitas em qualquer Introdução. Pois ao escrever uma Introdução tem-se três objetivos em vista: primeiro, ganhar a boa vontade do leitor; segundo, dispô-lo a aprender; terceiro, conquistar sua atenção. O primeiro objetivo alcança-se mostrando ao leitor o valor do

conhecimento em questão; o segundo, explicando o plano e as divisões do tratado; o terceiro, advertindo-o de suas dificuldades. E tudo isto Aristóteles faz aqui. Primeiro, ele aponta o alto valor da ciência que está introduzindo. Em segundo lugar, em 'Buscamos então', ele explica o plano do tratado. Em terceiro lugar, em 'Determinar algo confiável' ele adverte de sua dificuldade. No primeiro ponto, ele explica, primeiro a dignidade desta ciência, e depois, em 'De fato, um conhecimento', sua utilidade.

§ 3. No que diz respeito à referida dignidade, devemos notar que, embora todo conhecimento seja bom e até honroso, uma ciência pode superar outra neste aspecto. Todo conhecimento é obviamente bom porque o bem de qualquer coisa é aquilo que pertence à plenitude do ser que todas as coisas buscam e desejam; e o homem enquanto homem atinge a plenitude do ser através do conhecimento. Ora, das coisas boas, algumas são apenas valiosas, a saber, aquelas que são úteis em vista de algum fim — como valorizamos um bom cavalo porque corre bem; enquanto outras coisas boas são também honrosas: a saber, aquelas que existem por si mesmas; pois damos honra aos fins, não aos meios. Das ciências, algumas são práticas, outras especulativas; a diferença sendo que as primeiras são em vista de algum trabalho a ser feito, enquanto as últimas são por si mesmas. As ciências especulativas são, portanto, honrosas além de boas, mas as práticas são apenas valiosas. Toda ciência especulativa é tanto boa quanto honrosa.

§ 4. Contudo, mesmo entre as ciências especulativas, há graus de bondade e honradez. Toda ciência é valorizada em primeiro lugar como um tipo de atividade, e o valor de qualquer atividade é medido de duas maneiras: pelo seu objeto e pelo seu modo ou qualidade. Assim, construir é uma atividade melhor do que fazer camas porque seu objeto é melhor. Mas onde as atividades são do mesmo tipo e resultam na mesma coisa, a qualidade sozinha faz a diferença; se um edifício é melhor construído, será um edifício melhor. Considerando então a ciência, ou sua atividade, do ponto de vista do objeto, é mais nobre aquela ciência que se ocupa de coisas melhores e mais nobres; mas do ponto de vista do modo ou qualidade, a ciência mais nobre é aquela que é mais certa. Uma ciência, então, é considerada mais nobre que outra, seja porque diz respeito a objetos melhores e mais nobres, seja porque é mais certa.

§ 5. Ora, há esta diferença entre as ciências: algumas se destacam em certeza e ainda assim se ocupam de objetos inferiores, enquanto outras, com objetos mais elevados e melhores, são no entanto menos certas. Ainda assim, é melhor aquela ciência que é sobre as coisas nobres; porque, como observa o Filósofo no Livro XI do *De Animalibus*, temos um desejo maior até mesmo por um pequeno conhecimento de coisas nobres e elevadas — mesmo por um tipo conjectural e provável de conhecimento — do que por um grande e certo conhecimento de coisas inferiores. Pois o primeiro é nobre em si mesmo e essencial, mas o último apenas através de sua qualidade ou modo.

§ 6. Agora, esta ciência da alma possui ambos os méritos. Ela tem certeza, pois todos sabem por experiência que possuem uma alma, que é seu princípio vital. Também possui um alto grau de nobreza, pois entre as coisas inferiores a alma tem uma nobreza especial. É isso que Aristóteles quer dizer aqui quando afirma: "Considerando nós que o conhecimento", i.e., a ciência especulativa, "é bom e honroso". E uma ciência é melhor e mais nobre do que outra de duas maneiras: ou, como vimos, por ser mais certa — daí ele dizer "mais certa" —, ou por tratar de coisas "mais excelentes", i.e., coisas que são boas em si mesmas, e "coisas mais admiráveis", i.e.,

coisas cuja causa é desconhecida. "Por ambas essas razões", ele prossegue, "damos um lugar primordial a uma investigação sobre a alma". Ele usa o termo "investigação" porque pretende discutir a alma de maneira geral, sem tentar, neste tratado, um exame exaustivo de todas as suas propriedades. Quanto às palavras "um lugar primordial", se tomadas como aplicadas a toda a Ciência Natural, referem-se à superioridade em dignidade e não à prioridade na ordem; mas, se referidas apenas à ciência dos seres vivos, significam prioridade de ordem.

§ 7. Em seguida, com "De fato, um conhecimento etc.", ele conquista a boa vontade do leitor ao mostrar a utilidade desta ciência. Ele diz que algum conhecimento da alma parece ser muito útil em todas as outras ciências. Pode ser de considerável serviço para a filosofia em geral. Na Filosofia Primeira, é impossível alcançar o conhecimento das causas divinas e supremas exceto através do que podemos adquirir atualizando nosso poder intelectual; e, se nada soubéssemos sobre a natureza desse poder, nada saberíamos sobre as substâncias imateriais, como observa o Comentador a propósito do Livro XI da *Metafísica*. Novamente, no que diz respeito à Filosofia Moral, não podemos dominar a ciência da moral a menos que conheçamos as potências da alma; assim, na *Ética*, o Filósofo atribui as virtudes às diferentes potências. Também é útil para o Cientista Natural, porque muitas das coisas que ele estuda são seres animados, cujos movimentos se originam na alma: "pois ela é", diz Aristóteles, "como que o princípio dos seres vivos": a expressão "como que" não exprime uma comparação; é descritiva.

§ 8. Em seguida, em "Buscamos então", ele expõe o plano de seu tratado, dizendo que devemos "considerar", i.e., por meio de sintomas externos, e "compreender", i.e., por meio de demonstração, o que a alma realmente é em sua natureza e essência; e, depois, quaisquer qualidades que lhe pertençam ou a afetem. Mas, nestas últimas, aparece uma diversidade: pois, enquanto algumas modificações da alma, como o entendimento e o conhecimento especulativo, parecem pertencer à alma em si mesma, outras, como o prazer e a dor, os sentidos e a imaginação, embora dependam de alguma alma, parecem ser comuns a todos os animais.

§ 9. Então, em "Para determinar", ele introduz a dificuldade deste estudo, e isso sob dois pontos de vista. É difícil, primeiro, conhecer a essência da alma e, segundo, conhecer seus acidentes ou qualidades características. Quanto à essência, há uma dupla dificuldade: primeiro, sobre como ela deve ser definida e, depois, sobre os elementos da definição (este ponto aparece em "Talvez a primeira coisa necessária").

Ele observa, portanto, que, embora o conhecimento da alma fosse valioso, não é fácil saber exatamente o que a alma é. Ora, esta é uma dificuldade no estudo de qualquer coisa; pois a questão sobre a substância e a essência é comum ao estudo da alma e de muitas outras coisas; a primeira dificuldade é que não sabemos qual método usar; pois alguns dizem que devemos usar a demonstração dedutiva, outros o método da eliminação, outros o da comparação. O próprio Aristóteles preferiu o método da comparação.

§ 10. A segunda dificuldade diz respeito aos elementos da definição. Uma definição manifesta a essência de uma coisa; e esta não pode ser apreendida separadamente dos princípios dos quais depende. Mas coisas diferentes têm princípios diferentes, e é difícil ver qual princípio está envolvido em cada coisa particular. Daí, ao formular ou buscar uma definição de alma, encontramos três dificuldades principais: (a) concernente à sua essência; (b) concernente às suas

partes; (c) concernente àquela contribuição necessária para uma definição que vem do conhecimento das qualidades acidentais da alma.

§ 11. Quanto à essência da alma, há uma dúvida sobre aquilo que é a primeira coisa a ser procurada ao definir qualquer coisa, i.e., o gênero ao qual pertence. Qual é o gênero da alma? É uma substância, uma quantidade ou uma qualidade? E não apenas devemos decidir sobre o gênero supremo, mas também sobre o próximo; assim, não definimos o homem como uma substância, mas como um animal. E, se a alma for considerada pertencente ao gênero da substância, ainda teremos que decidir se é substância em ato ou em potência, pois todo gênero pode ser considerado tanto como potência quanto como ato. Além disso, como as substâncias são compostas ou simples, teremos que perguntar qual é uma ou outra e se é divisível ou indivisível. Há também a questão sobre se todas as almas são da mesma espécie ou não; e, se não forem, se são genericamente diferentes ou não. Novamente, há incerteza sobre o que deve ser incluído na definição, sendo algumas coisas definidas em termos de gênero, outras como espécie; daí a questão sobre se devemos definir a alma em termos de gênero ou como a especificação de uma espécie.

§ 12. Pois alguns investigadores parecem ter em vista apenas a alma humana. Entre os primeiros filósofos, havia duas opiniões sobre a alma. Os platônicos, sustentando que os universais existiam separadamente como as Formas ou Ideias que causavam o conhecimento e o ser nas coisas individuais, afirmavam que existia uma Alma-em-si que era a causa e a "ideia" das almas particulares e da qual tudo o que encontramos nelas se originava. Por outro lado, estavam os Filósofos Naturais, que sustentavam que nenhuma substância universal existia no mundo real, que as únicas coisas reais eram os indivíduos. E isso levanta para nós a questão sobre se devemos, como os platônicos, buscar uma ideia comum de Alma; ou, antes, como diziam os Filósofos Naturais, estudar esta ou aquela alma particular, e.g., de cavalo, de homem ou de deus. Ele diz "ou de deus" porque naquela época os homens acreditavam que os corpos celestes eram deuses e que estavam vivos.

§ 13. No entanto, Aristóteles optou por buscar uma definição de ambos: da Alma em geral e de cada tipo de alma. Mas, quando ele diz, sobre este ponto, que "animal como universal não é nada real, ou é secundário", devemos entender que se pode falar de um "animal universal" de duas maneiras: ou como universal, i.e., como uma natureza existente em, ou predicada de, muitos indivíduos; ou como animal. E ambos esses aspectos podem ser considerados em relação à existência no mundo real ou como existentes na mente. Quanto à existência no mundo real, Platão sustentava que o animal universal realmente existia e existia antes dos animais particulares; porque, como foi dito, ele pensava que existiam universais e ideias com existência independente. Aristóteles, no entanto, dizia que o universal como tal não tinha existência real e que, se era alguma coisa, vinha depois da coisa individual. Mas, se considerarmos a natureza dos animais de um ponto de vista diferente, i.e., não como universal, então ela é de fato algo real e precede o animal individual como o potencial precede o atual.

§ 14. Em seguida, em "Além disso, se não há muitas", Aristóteles aborda as dificuldades que surgem a respeito das potencialidades da alma. Pois, na alma, há "partes" que existem como potências: as partes intelectual, sensitiva e vegetativa. A questão é se estas são almas diferentes, como os platônicos gostavam de pensar (e até sustentavam), ou são apenas potências na alma. E,

se são potências, devemos decidir ainda se investigar primeiro as próprias potências e, depois, seus atos, ou os atos primeiro e depois as potências — e.g., o ato de entender antes do intelecto. E, se tomarmos os atos primeiro, há ainda a questão sobre se os objetos desses atos devem ser estudados antes das faculdades, e.g., o objeto sensível antes da faculdade sensível ou a coisa entendida antes do entendimento.

§ 15. Em seguida, em "Ora, parece", ele expõe as dificuldades que surgem com relação àquelas qualidades accidentais que contribuem para uma definição da alma. Estas são relevantes aqui porque uma definição deve revelar tanto as qualidades accidentais de uma coisa quanto seus princípios essenciais. Se, de fato, estes últimos pudessem ser conhecidos e corretamente definidos, não haveria necessidade de definir os primeiros; mas, como os princípios essenciais das coisas estão ocultos para nós, somos compelidos a usar diferenças accidentais como indicações do que é essencial. Assim, ser bípede não é da essência de nada, mas ajuda a indicar uma essência. Por tais diferenças accidentais, somos levados ao conhecimento das essenciais. Seria, de fato, mais fácil apreender até mesmo o que é accidental à alma se pudéssemos primeiro compreender sua essência, assim como, na matemática, é uma grande ajuda para entender que os ângulos de um triângulo são iguais a (dois) ângulos retos saber primeiro o que significam reto, curvo e plano. Daí a dificuldade de nossa presente posição. Por outro lado, um exame prévio dos fatores accidentais é uma ajuda considerável para conhecer a essência, como foi dito. Se, portanto, alguém propusesse uma definição da qual nenhum conhecimento dos atributos accidentais da coisa definida pudesse ser derivado, tal definição não seria real, mas abstrata e hipotética. Mas uma da qual flui um conhecimento dos acidentes é uma definição real, baseada no que é próprio e essencial à coisa.

Revision #2

Created 4 October 2026 19:17:09 by Admin

Updated 4 October 2026 19:18:32 by Admin